



A POÉTICA DO SAGRADO EM SAGARANA[√]

Angela GUIDA*
Quentin BRANCO**

RESUMO

No ano em que se comemora o cinquentenário de morte do escritor Guimarães Rosa, o presente artigo objetiva discutir de que modo a questão do sagrado se faz presente na coletânea de contos que compõe a obra **Sagarana**, do escritor mineiro. A proposta de leitura que aqui se apresenta será feita tendo por princípio a noção de sagrado que é defendida pelo poeta e teórico mexicano, Octavio Paz, que vê o sagrado e a poesia como exemplos de revelação poética. O livro **Sagarana**, primeira publicação literária de Guimarães Rosa, é composto por nove contos, no entanto, neste artigo se pretende dialogar com apenas três narrativas, por acreditar que uma leitura de todos os contos exige um trabalho de maior extensão e fôlego que requer algo além dos limites de um artigo. As narrativas objetos de interlocução aqui, portanto, são: **A hora e vez de Augusto Matraga**, **São Marcos** e **Corpo fechado**.

Palavras-chave: Sagrado. Revelação. Guimarães Rosa, Sagarana

*Quando nada acontece,
Há um milagre que não estamos vendo.*

(Guimarães Rosa)

Tudo que move é sagrado.

(Beto Guedes)

O sagrado nos escapa.

(Octavio Paz)

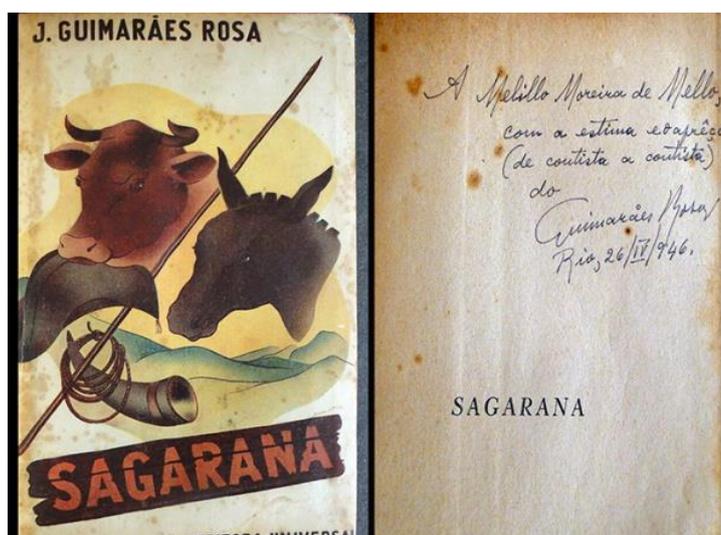
[√] Artigo recebido em 30 de julho de 2017 e aprovado em 18 de outubro de 2017.

* Doutora em Ciência da Literatura/Poética pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Professora Adjunta da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul FAALC/EaD. E-mail: <angelaguida.ufms@gmail.com>

** Professor Leitor na Universidade Federal do Mato Grosso do Sul (UFMS). E-mail: <quentin.branco.nunes@gmail.com>

Sagarana, publicado em 1946 (figura 1), foi o *avant première* da carreira literária de Guimarães Rosa. Na verdade, em 1936, Rosa já havia escrito um livro de poemas – **Magma** – para participar de um concurso da Academia Brasileira de Letras, porém não se sentiu à vontade para publicá-lo em vida. Desse modo, *Sagarana* (figura 2) acabou por ocupar o posto de primeiro livro publicado. Esta coletânea de contos traz um número emblemático: são nove contos. De início seriam doze contos, mas o escritor acabou por retirar três narrativas, restando as nove que seguiram para publicação depois de sete anos de repouso, conforme diz Rosa. “[...] Repousou durante sete anos; e, em 1945, foi ‘retrabalhado’, em cinco meses, cinco meses de reflexão e de lucidez” (ROSA, 2015, p. 27).

Figura 1 – Capa da 1ª edição de **Sagarana**



Fonte: <http://www.conradoleiloeiro.com.br/peca.asp?ID=856849>

Figura 2 – Ilustração de Poty Lazarotto para **Sagarana** – edição comemorativa de 25 anos



Fonte: <http://citrus.uspnet.usp.br/aun/exibir?id=5614&ed=994&f=29>

Entre as muitas simbologias do número nove está a de que ele representa transição, o início de um novo ciclo. Seria o início do ciclo da carreira literária de Guimarães Rosa? Um livro quando publicado revela o desejo de quem o fez para mostrar sua produção a outrem. Estaria Rosa sinalizando que a partir de **Sagarana**, o médico e diplomata agora estaria também na seara literária? São especulações que se sustentam, tendo em vista que Guimarães não fazia nada sem antes pensar muito, ou como dizia das palavras: “chocá-las”.

Chocamos tudo o que falamos ou fazemos antes de falar ou fazer. É por isso que normalmente não costumo conversar se antes não posso pensar tranquilamente e até o final. E também choco meus livros. Uma palavra, uma única palavra ou frase podem me manter ocupado durante horas ou dias (ROSA, 1995, p 66).

No **Sermão da montanha** também há as nove bem-aventuranças, que são o anúncio de um período de felicidade e prosperidade e realmente **Sagarana** abriu e revelou ao país um dos maiores escritores de língua portuguesa. As nove estórias, as nove bem-aventuranças...

Em carta ao amigo João Condé, Guimarães Rosa (2015) diz que o espaço onde se passariam os contos deveria ser o interior de Minas Gerais, por acreditar que as pessoas do interior se dão melhor como personagens de parábolas, uma vez que o escritor desejava que as narrativas de **Sagarana** contivessem esse quê de parábolas. Rosa ainda reitera que no interior pode se ver melhor a ação do destino na vida das pessoas. Ora, são todos elementos que nos convidam a pensar as estórias de **Sagarana** pela via do sagrado em suas amplas e diversas manifestações. Um ou outro conto traz algum traço numênico, sendo possível discutir as relações do sagrado nas nove narrativas que compõem o livro. **A volta do marido pródigo**, já no título nos remete à parábola da volta do filho pródigo, o **Burrinho pedrês** não morre pela picada da cobra em virtude da reza de um benzedor, a conversa dos primos Argemiro e Ribeiro em **Sarapalha** invoca o nome de Deus a todo instante. São óleos santos, rezas, terços, estórias de assombração, presságios que vão atravessando e se deixando atravessar pelas crenças populares, pelo universo do sagrado, no entanto, aqui vamos nos deter em três: **São Marcos, A hora e vez de Augusto Matraga e Corpo fechado**.

Jararacuçu, pendurada do focinho, como linda tromba negra com diagonais amarelas, da qual não morreu porque a lua era boa e o *benzedor* acudiu pronto (2015, p. 31).

— Deus me livre e guarde, Primo Ribeiro... O senhor ainda vai durar mais do que eu.
 — Eu só quero saber é se você promete...
 — Pois então, se tiver de ser desse jeito de que Deus não há-de querer, eu prometo.
 — Deus lhe ajude, Primo Argemiro (2015, p. 133).

Então, Cassiano, por sua vez muito bem comovido, porque é melhor a gente ser bondoso do que ser malvado, puxou-o para si, num abraço, dizendo:

— Maior paga do que essa não tem, meu compadre Vinte-e-Um...
 E Cassiano Gomes não pôde esconder o consolo que isso tudo lhe trazia.
 Veio o médico; veio o padre: Cassiano confessou-se, comungou, recebeu os santos-óleos, rezou, rezou (2015, p. 167).

— Lugar assombrado! — conclui José Malvino.
 É a quarta ou quinta vez que ele indica lugares mal assombrados. Já sei: todo pau-d'óleo; todas as cruzes; todos os pontos onde os levadores de defunto, por qualquer causa, fizeram estância, depondo o esquife no chão; todas as encruzilhadas — mas somente à meia-noite; todos os caminhos: na quaresma — com os lobisomens e as mulas-sem-cabeça, e o cramondongue, que é um carro-de-bois que roda à disparada, sem precisar de boi nenhum para puxar (2015, p. 183)

Na véspera de morrer, de-noite, ele ainda pedira para Tiãozinho tirar reza junto... E Tiãozinho puxara o terço, cochilando... Estava com muito sono, porque tinha ido, a pé, ao Marçal Velho, levar um recado... Depois da salve-rainha, o pai pôs nele a bênção, e ele deitou no enxergão, para dormir logo, esquentando os molambos... (2105, p. 282)

João fabulista, fabuloso? Indaga o poeta Drummond. Uma indagação pertinente, afinal são muitas as estórias que evidenciam o lado místico, exotérico, sagrado tanto da obra quanto do homem Guimarães. Ao ser indagado por Günter Lorenz se se considerava um místico, Rosa acena afirmativamente. “Sou místico, pelo menos acho que sou” (ROSA, 1995, p. 64). O caso mais conhecido se dá com relação à morte do escritor três dias após ter tomado posse como imortal na Academia Brasileira de Letras. Guimarães Rosa foi eleito em 6 de agosto de 1963, para ocupar a cadeira 2, posição 3, que havia sido antes de João Neves da Fontoura, entretanto Rosa (figura 3) adiou sua posse por quatro anos alegando que não sabia se seu coração suportaria tamanha emoção. De fato, não suportou, pois no dia 19 de novembro de 1967, ou seja, há cinquenta anos, o coração do fabulista-

fabuloso parou de bater. Teria João previsto sua morte? O discurso de posse foi uma invocação aos mortos e à morte. Teria sido uma “transvisão”, como diria Manuel de Barros?

Eles, Neves da Fontoura, Álvares de Azevedo, o que morreu moço, poento de poesia. Coelho Neto, amoroso pastor da turbamulta das palavras. Tenho-os comigo. Pois não descendemos dos mortos?

[...]

Mas - o que é um pormenor de ausência. Faz diferença? “Choras os que não devias chorar. O homem desperto nem pelos mortos nem pelos vivos se enluta” - Krishna instrui Arjuna, no Bhágavad Gita. A gente morre é para provar que viveu.

[...]

Alegremo-nos, suspensas ingentes lâmpadas. E: "Sobe a luz sobre o justo e dá-se ao teso coração alegria!" - desfere então o salmo. As pessoas não morrem, ficam encantadas (ROSA, 1967, p 1).

Figura 3 – Rosa discursando posse na ABL



Fonte: <http://www.elfikurten.com.br/2011/02/guimaraes-rosa-discurso-de-posse-na.html>

O pensador e poeta mexicano, Octavio Paz (1982), argumenta que poesia e religião são revelações poéticas e, como revelação, a poesia também se encontra no âmbito do sagrado, no entanto, Paz assinala que na revelação poética a poesia revela o homem a si mesmo ou “torna-te quem tu és”, como diz o verso do poeta Píndaro, já na revelação religiosa será revelado algo que está oculto, um mistério que é alheio a nós; a poesia pode prescindir de uma aura divina, ao passo que a

religião, não. Ela requer uma autoridade divina, uma revelação do oculto, daí, apresentar um quê de sobrenatural, aliás, o poeta mexicano observa que a “sensação de estar diante do sobrenatural é o ponto de partida de toda experiência religiosa” (1982, p. 153).

A partir da leitura de um clássico, a obra **O sagrado** de Rudolf Otto, Octavio Paz (1982) discute a noção de sagrado defendida pelo teólogo alemão, em que Otto argumenta que o sagrado é constituído por elementos racionais e irracionais, sendo os racionais ligados à ideia de perfeição e bondade. Paz contesta essa ideia de perfeição e nos lembra que muitos deuses se nutriam de sacrifício e sangue, assim, onde estaria a perfeição? Paz diz que na religião asteca, por exemplo, os deuses precisavam de sangue humano para garantir força e poder, logo, eram muitos os ritos sacrificiais. “Os deuses não são todo-poderosos, visto que necessitam do sangue humano para garantir a sustentação cósmica. Os deuses movem o mundo; o sangue, porém, move os deuses” (PAZ, 1982, p. 168). Não só sangue humano, os animais também eram oferecidos em sacrifício, sobretudo no Velho testamento, acentuando as dicotomias entre bem e mal, Deus e Diabo e por aí afora.

No que diz respeito à poética de Guimarães Rosa, há certas leituras que insistem e persistem na ideia de que Deus e o Diabo ou o bem e o mal são tratados pelo escritor mineiro sob o olhar da dicotomia, entretanto, a nós não nos parece que a via seja essa ou apenas essa, afinal, são muitos os indícios que demonstram, sobretudo no caso da religião, haver um sincretismo evidente entre coisas e elementos, entre seres e não-seres. Há contradições, muitas diga-se de passagem, afinal, as contradições também constituem o humano do homem, mas dicotomias entre sagrado e profano, não nos parece crível. Um dos exemplos mais emblemáticos é a fala de Riobaldo logo no início de **Grande sertão**: veredas, em que o humano demasiado humano jagunço afirma beber água de todo rio. Todas as crenças são legítimas. Isso é o sagrado se manifestando.

Hem? Hem? O que mais penso, testo e explico: todo-omundo é louco. O senhor, eu, nós, as pessoas todas. Por isso é que se carece principalmente de religião: para se desendoidecer, desdoidar. Reza é que sara da loucura. No geral. Isso é que é a salvação-da-alma... Muita religião, seu moço! Eu cá, não perco ocasião de religião. Aproveito de todas. Bebo água de todo rio... Uma só, para mim é pouca, talvez não me chegue. Rezo cristão, católico, embrenho a certo; e aceito as preces de compadre meu Quelemém, doutrina dele, de Cardéque. Mas, quando posso, vou no Mindubim, onde um Matias é crente, metodista: a gente se acusa de

pecador, lê alto a Bíblia, e ora, cantando hinos belos deles. Tudo me quieta, me suspende. Qualquer sombrinha me refresca. Mas é só muito provisório. Eu queria rezar – o tempo todo. Muita gente não me aprova, acham que lei de Deus é privilégios, invariável. E eu! Bofe! Detesto! O que sou? – o que faço, que quero, muito curial. E em cara de todos faço, executado. Eu não tresmalho! (ROSA, 1972, p. 16)

O conto **São Marcos**, segundo Rosa, “a peça mais trabalhada do livro” (ROSA, 2105, p. 29) narra a estória de José, morador do arraial Calango-frito. A propósito do nome do arraial, é possível dizer que ele, de certa forma, já vem anunciar o feitiço. No imaginário coletivo, as poções e os outros feitiços contêm animais como rato ou sapo e Guimarães Rosa busca um vocabulário mais elaborado – calango – ao invés de usar uma pista tão evidente com um dos animais citados. O nome do arraial, assim, já anuncia algo de esotérico e prepara o leitor para os feitiços que se preparam nas cozinhas do mundo rural onde o sagrado se encontra também em práticas profanas.

Nas redondezas do arraial morava João Mangalô, que todos acreditavam ser um temido feiticeiro, menos José, que não fiava em credices relacionadas a feitiçarias e bruxarias. Nas cidades do interior, em geral, a relação dos moradores com a prática de feitiçaria é acentuada, sempre relacionando essa prática aos negros. Há uma crença grande no poder dos feitiços que podem pegar na pessoa através de comida, bebida, roupas e rezas. José, além de não acreditar, zombava do ofício de Mangalô, despertando no feiticeiro sua ira.

João Mangalô, que estava à porta, como de sempre sorriu para mim. Preto; pixaim alto, branco amarelado; banguela; horrendo.
 — Ó Mangolô!
 — Senh'us'Cristo, Sinhô!
 — Pensei que você era uma cabiúna de queimada...
 — Isso é graça de Sinhô...
 — ...Com um balaio de rama de mocó, por cima!...
 — Ixe!
 — Você deve conhecer os mandamentos do negro... Não sabe? “Primeiro: todo negro é cachaceiro...”
 — Ôi, ôi!...
 — “Segundo: todo negro é vagabundo.”
 — Virgem!
 — “Terceiro: todo negro é feiticeiro...”
 Aí, espetado em sua dor-de-dentes, ele passou do riso bobo à carranca de ódio, resmungou, se encolheu para dentro, como um caramujo à cocléia, e ainda bateu com a porta (ROSA, 2015, p. 220).

Para se vingar das provocações, Mangalô cria um manipanço de José e cobre seus olhos com uma venda. A partir disso, sozinho na mata, José fica cego. “Foi aí que a coisa se deu, e foi de repente: como uma pancada preta, vertiginosa, mas batendo de grau em grau — um ponto, um grão, um besouro, um anu, um urubu, um golpe de noite... E escureceu tudo” (ROSA, 2015, p. 228). Não é preciso muito pensar para deduzir que aquilo eram artimanhas de João mangalô. De início, José invocou o nome de Santa Luzia, que na tradição católica é conhecida como a protetora dos olhos, para que lhe restituísse a visão, mas de nada adiantou. Tenta andar sozinho, pois conhecia bem a mata e esperava conseguir sair de lá mesmo cego, no entanto, à medida que avança acaba se embrenhando ainda mais para dentro da mata. Sem saber para quem pedir ajuda, lembra-se da conversa que havia tido com Aurísio Manquitola e então começa a rezar a poderosa oração de São Marcos, uma oração que na credence popular é vista como reza brava, reza forte, perigosa. É considerada como reza de feiticeiro e, por isso, temida por muitos. José reza com força, consegue sair da mata e é levado até a casa de João Mangalô.

Dá desordem... Dá desordem... E, pronto, sem pensar, entrei a bramir a rezabrava de São Marcos. Minha voz mudou de som, lembro-me, ao proferir as palavras, as blasfêmias, que eu sabia de cor. Subiu-me uma vontade louca de derrubar, de esmagar, destruir... E então foi só a doideira e a zoeira, unidas a um pavor crescente. Corri.

[...]

Porque a ameaça vinha da casa do Mangolô. Minha fúria me empurrava para a casa do Mangolô. Eu queria, precisava de exterminar o João Mangolô!... (ROSA, 2015, p. 242).

São Marcos me marque, e São Manso me amanse. Jesus Cristo me abrande o coração e me parte o sangue mau, a hóstia consagrada entre mim; se os meus inimigos tiverem mau coração, não tenham cólera contra mim; assim como São Marcos e São Manso foram ao monte e nele havia touros bravos e mansos cordeiros e os fizeram presos e pacíficos nas moradas das casas, assim os meus inimigos fiquem presos e pacíficos nas moradas de suas casas, debaixo do meu pé esquerdo; assim como as palavras de são marcos e são manso são certas, repito: *“Filho, pede o que quiseres, que serás servido e, na casa que eu pousar, se tiver cão de fila, retire-se do caminho que coisa nenhuma se mova contra mim, nem vivos nem mortos, e batendo na porta com a mão esquerda, desejo que imediatamente se abra.”*

[...]

Acompanhado dessa poderosa e santa oração, terei a amizade de todo mundo e todos irão me querer bem, e por ninguém serei ferido. Assim seja! (OXALÁ, 2007, p 53).

São Marcos corrobora duas práticas ligadas a rituais: a força que possuem os manipansos, uma herança das religiões de matriz africana, bem como o peso da reza recitada em voz alta. João Mangalô consegue atingir José fazendo uso do boneco com a venda nos olhos e José consegue se livrar do feitiço fazendo uso da reza de São Marcos em voz alta, fortalecendo, desse modo, uma crença no poder da revelação da experiência religiosa (ou sagraa) das manifestações populares.

Em carta a João condé, Guimarães Rosa diz que **A hora e vez de Augusto Matraga**, de certa forma, pode ser vista como uma espécie de resumo e chave para todas as outras narrativas que compõem **Sagarana**. Síntese ou não, fato é que das nove estórias, **A hora e vez de Augusto Matraga** é a mais falada, comentada, encenada, enfim, é o clássico de *Sagarana*. Muito se discute acerca do protagonista no que diz respeito a seu processo de transformação na obra. Teria ou não havido conversão, eis a questão?

Nhô Augusto era conhecido por sua valentia, violência e rudeza com as pessoas, inclusive, com sua esposa e filha. Em um de seus ataques de valentia foi ter com o Major Consilva e neste encontro tomou uma forte surra, teve seu corpo marcado a ferro quente, como um bicho. Ao receber o ferro queimado, seu corpo combalido pela surra cai num despenhadeiro. Pela rusticidade do lugar e o corpo maltratado, acredita-se que Nhô Augusto não conseguiria sobreviver àquela queda e o valentão é dado como morto.

[...]

Mas os quatro que tinham sido bate-paus de Nhô Augusto mostravam maior entusiasmo, enquanto o capiauzinho sem testa, diligente e contente, ia ajuntar lenha para fazer fogo. E, aí, quando tudo esteve a ponto, abrasaram o ferro com a marca do gado do Major — que soía ser um triângulo inscrito numa circunferência —, e imprimiram-na, com chiado, chamusco e fumaça, na polpa glútea direita de Nhô Augusto. Mas recuaram todos, num susto, porque Nhô Augusto viveu se, com um berro e um salto, medonhos.

— Segura!

Mas já ele alcançara a borda do barranco, e pulara no espaço. Era uma altura. O corpo rolou, lá em baixo, nas moitas, se sumindo.

— Por onde é que a gente passa, p'ra poder ir ver se ele morreu?

Mas um dos capangas mais velhos disse melhor:

— Arma uma cruz aqui mesmo, Orósio, para de noite ele não vir puxar teus pés...

E deram as costas, regressando, sob um sol mais próximo e maior (ROSA, 2015, p. 308).

O corpo machucado de Nhô Augusto é encontrado e tratado por um casal de negros que com rezas, ervas faz com que ele melhore. A busca pela mudança só a

contece após Nhô Augusto passar pela experiência de quase morte. Paz (1982) observa que viver é uma condenção, porque já nascemos condenados à morte e, em nossa travessia, é a religião que vai responder à condenação de viver para a morte. Quando sente a iminência da morte, Nhô Augusto deseja confessar seus pecados, relembra as rezas da época em que era criança. “Voltou a recordar todas as rezas aprendidas na meninice, com a avó. Todas e muitas mais[...] E tomara um tão grande horror às suas maldades e aos seus malfeitos passados, que nem podia se lembrar” (ROSA, 2015, p.308.). Nhô Augusto experimenta o sagrado à sua maneira diante de sua condição de ser mortal. Vê-se frágil e percebe que sua valentia não é suficiente para garantir a ele a vida eterna, então deseja formalizar seu pedido de arrependimento. “Se eu pudesse ao menos ter absolvição dos meus pecados” (ROSA, 2015, p. 312). O padre, a pedido do casal que o salvou, vem ao encontro dele e como um legítimo representante do cristianismo que trabalha com a expiação e culpa, absolve Nhô Augusto desde que ele entre num processo de penitências e privações.

Entregue para Deus e faça penitência. Sua vida foi entortada no verde, mas não fique triste, de modo nenhum, porque a tristeza é aboio de chamar o demônio, e o Reino do Céu, que é o que vale, ninguém tira de sua algibeira, desde que você esteja com a graça de Deus, que ele não regateia a nenhum coração contrito (ROSA, 2015, p.316).

Nhô Augusto acreditando ser esta sua natureza original, ou seja, um homem bom que foi desvirtuado pelas contingências da vida, começa a fazer de tudo para se redimir de sua culpa diante das atitudes cruentas que teve. Expição e culpa é o par perfeito, segundo Octavio Paz (1982) nas religiões, sobretudo, as de matriz cristã, como é o caso do catolicismo, por isso o padre não economiza nas penitências de Nhô Augusto.

Octavio Paz (1982) nos apresenta uma expressão que pode representar o processo de mudança de Nhô Augusto – o salto mortal. Paz argumenta que quando se dá o salto mortal há uma mudança de natureza, mas ao mesmo tempo em que se opera essa mudança, na verdade, para o pensador mexicano, o que há é um retornar à natureza original. “A experiência poética, como a experiência religiosa, é um salto mortal: um mudar de natureza que é também um regressar à nossa natureza original” (PAZ, 1982, p. 166). Entretanto a natureza original de Nhô

Augusto é a violência, logo, a revelação que ele tem não é a conversão, mas sim a impossibilidade dela, posto que até para fazer o bem ao final, Nhô Augusto faz uso do mal, na luta que empreende com Joãozinho Bem-Bem para salvar o irmão que assassinou um dos capangas de Bem-bem para salvar a honra da irmã. E não poderíamos deixar de aludir ao famoso bordão de Nhô Augusto que reiteradas vezes dizia, em tom de ameaça, que iria para o céu de qualquer jeito, ainda que fosse na base do porrete.

Ainda que haja elementos que possam sugerir que tenha havido a transformação desse homem rude e violento, entretanto, há muitos outros elementos que contradizem a possibilidade de uma mudança ter se efetivado, bem como o fato de Nhô Augusto neste dito período de conversão não ter convivido com ninguém ou com qualquer situação que pudesse fazê-lo mudar de ideia, colocá-lo à prova. Desse modo, o isolamento o protegeu de cair em tentação.

Não tinha tentações, nada desejava, cansava o corpo no pesado e dava rezas para a sua alma, tudo isso sem esforço nenhum, como os cupins que levantam no pasto murundus vermelhos, ou como os tico-ticos que penam sem cessar para levar comida aos filhotes de pássaro preto (ROSA, 2015, p. 320).

Nhô Augusto, humano demasiado humano que foi, tentou controlar sua natureza, mas fracassou. Mas por que teria fracassado? Por que não foi forte o suficiente? Não. Fracassou porque o que somos grita dentro de nós, “o que tem de ser, tem muita força”, nos diz sabiamente Riobaldo. O que tinha de ser em Nhô Augusto era a violência e quando foi colocado em contato novamente com o mundo, não caiu em em tentação, porque se rendeu a ele, rendeu-se a sua natureza original.

Até que, pouco a pouco, devagarinho, imperceptível, *alguma coisa pegou a querer voltar para ele, a crescer-lhe do fundo para fora*, sorradeira como a chegada do tempo das águas, que vinha vindo paralela: com o calor dos dias aumentando, e os dias cada vez maiores, e o João-de-Barro construindo casa nova, e as sementinhas, que hibernavam na poeira, esperando na poeira, em misteriosas incubações (ROSA, 2015, p. 331, grifos nossos).

A expressão corpo fechado, em geral é associada ao campo semântico e linguístico da Umbanda, Candomblé ou outras religiões de matriz africana. Existem muitos rituais de fechamento do corpo, ou seja, de proteger o corpo física e

espiritualmente. Esses rituais incluem orações, banhos, uso de patuás, cruzamento de pombas, óleos ungidos etc. Em **Sagarana**, a narrativa **Corpo fechado** conta a história de Manuel Fulô, um homem medroso, mas que se vê obrigado a conseguir forças para lutar contra Targino, um conhecido valentão da região da Laginha, que decide dormir com a noiva de Manuel antes dele.

- Escuta, Mané Fulô: a coisa é que eu gostei da das Dor, e venho visitar sua noiva. Amanhã... já mandei recado, avisando a ela... é um dia só, depois vocês podem se casar... se você ficar quieto, não te faço nada... se não..." (ROSA, 2015, p. 263).

Para lutar com Targino e não ser massacrado por ele, Manuel aceita a proposta de um conhecido feiticeiro da região: Antônio das Pedras. Ele propõe a Manuel a troca de sua mula pelo ritual de proteção do corpo. Apesar de adorar o animal, Manuel não vê outra alternativa e aceita que Antônio faça o ritual de fechamento do seu corpo. Por essa novela, Guimarães Rosa revela especial predileção, pois segundo o escritor, Manuel Fulô é humano em suas emoções: "Talvez seja a minha predileta. Manuel Fulô foi o personagem que mais conviveu "Humanamente" comigo, e cheguei a desconfiar de que ele pudesse ter uma qual quer espécie de existência" (ROSA, 2015, p. 29). Com o corpo fechado, Manuel Fulô enfrenta Targino e vence a briga, tornando-se uma lenda na cidade.

Em todos os contos com os quais dialogamos, religião e violência parece que, de alguma forma, são compatíveis no sertão. Desse modo, nos perguntamos: será que a violência também apresenta uma dimensão sagrada? Se apresenta, qual seria? Mas isso é conversa para um outro artigo, por ora nos interessa pensar que seja pela via do sagrado ou não, o que essas personagens de Rosa que aqui foram apresentadas exprimem, na verdade, é o humano do homem. Existe é homem humano travessia e nessa travessia há que se cuidar, que ficar atento, pois "Tudo, aliás, é a ponta de um mistério. Inclusive, os fatos. Ou a ausência deles. Duvida? (ROSA, 2005, p. 113).

LA POÉTIQUE DU SACRÉ DANS SAGARANA

RÉSUMÉ

L'année où nous commémorons le cinquantenaire de la mort de l'écrivain Guimarães Rosa, cet article prétend s'interroger sur la manière dont le sacré est présent dans le recueil de contes, **Sagarana**, de l'écrivain mineiro. La proposition de lecture qui se présente ici sera faite selon la notion de sacré que défend le poète et théoricien Octavio Paz, qui voit le sacré et la poésie comme des exemples de révélation poétique. Le livre **Sagarana**, première publication littéraire de Guimarães Rosa, est composé de neuf contes. Toutefois, dans cet article seront étudiés seulement trois récits, dans l'idée qu'une lecture de tous les contes exige un travail plus dense et étendu que ce que permettent les limites d'un article. Les objets de discussion ici sont : **A hora e vez de Augusto Matraga**, **São Marcos** et **Corpo fechado**.

Mots-clés : Sacré. Révélation. Guimarães Rosa. Sagarana

REFERÊNCIAS

DE OXALÁ, Adriana. **Livro de São Marcos e São Manso**. Imbituba, SC: Postal Editora, 2007.

ROSA, Guimarães. **Sagarana**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2015

_____. **Primeiras estórias**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2005.

_____. ROSA, Guimarães. **Ficção Completa**, v. 1. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1995.

_____. **Grande sertão: veredas**. Rio de Janeiro: Editora José Olympio, 1972.

_____. **Discurso de posse ABL**, 1967. Disponível em:

<<http://www.academia.org.br/academicos/joao-guimaraes-rosa/discurso-de-posse>>

Acesso em 30 Jul 2017.

PAZ, Octavio. **O arco e a lira**. Trad. Olga Savary. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.